dispositiva
Revista Interinstitucional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC Minas e da UFMG
PUC Minas
UFMG

A PROPAGAÇÃO DO DISCURSO DO SEXO: O PAPEL DO JORNAL ESTADO DE MINAS NA DIFUSÃO DE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO ENTRE AS DÉCADAS DE 1930 E 1980

THE SPREAD OF SEXUAL DISCOURSE: THE ROLE OF NEWSPAPER ESTADO DE MINAS IN THE DISSEMINATION OF GENDER STEREOTYPES BETWEEN THE 1930S AND 1980S

Amanda Diniz Ferreira [1]

Resumo
Este artigo tem por objetivo refletir sobre a divisão entre os sexos e a disparidade de gênero, enfatizando o papel significativo desempenhado pelas mídias impressas ao longo do século XX como veículos de disseminação de estereótipos e discursos relacionados ao gênero. De maneira mais específica, a pesquisa concentra-se na análise de exemplares do jornal Estado de Minas provenientes das décadas de 1930, 1960 e 1980, a fim de identificar evidências de que o periódico exerceu substancial influência nos processos de construção social relacionados à feminilidade e à masculinidade.

Palavras-chave
jornais; discurso; mulher; divisão entre os sexos; estereótipos de gênero.

Abstract
This article aims to reflect on the division between the sexes and gender disparity, emphasizing the significant role played by printed media throughout the 20th century as vehicles for disseminating stereotypes and discourses related to gender. More specifically, the research focuses on the analysis of copies of the newspaper Estado de Minas from the 1930s, 1960s and 1980s, with the purpose of identifying evidence that the periodical exerted a substantial influence on social construction processes related to femininity and masculinity.

Keywords
newspapers; speech; woman; division between the sexes; gender stereotypes.

1 Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MG), atualmente trabalha como servidora pública federal na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: amanda_dinizf@yahoo.com.br Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/0298089031414492 ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7376-1829

Introdução

Os estudos apresentados neste artigo tiveram como proposta compreender os discursos largamente utilizados nos processos de construção social das separações comportamentais entre os sexos, que resultaram na formação da divisão em dois polos muito distintos: feminino/masculino, e em sua manutenção por grande parte do século XX. Enfocando a análise de anúncios e propagandas de um importante jornal da capital mineira, o Estado de Minas, entre as décadas de 1930 e 1980, busca-se compreender como tal mídia impressa atuou significativamente como mecanismo que contribuiu para a perpetuação de estereótipos, signos e padrões sexuais culturais aceitos.

Os meios de comunicação – notadamente a imprensa – desempenham um papel essencial como veículos para a expressão de valores, opiniões e conhecimentos sobre uma variedade de temas. Configurando-se como um eficaz instrumento de disseminação de ideias, a imprensa pode ser encarada, até os dias atuais, como uma ferramenta que favorece a perpetuação de símbolos e padrões, ou seja, comportamentos previamente estabelecidos e socialmente aceitos. Nesse contexto, ela opera como um componente de um amplo mecanismo cíclico, ressaltando discursos socialmente consagrados e, simultaneamente, contribuindo para a gradual instauração de novos discursos.

Nos períodos de análise, notadamente nas décadas de 1930 e 1960, os periódicos impressos destacavam-se como meios de comunicação proeminentes e significativos, refletindo o pensamento difundido pelo senso comum da época. As tradições, a moral cristã, o aparato governamental, a esfera médica e as correntes intelectuais exerciam funções preponderantes na construção e consolidação da concepção dos distintos sexos e estratos sociais. Evidencia-se que os jornais tinham uma função crucial ao legitimar esses discursos.

Metodologia

Os estudos e discussões aqui delineados fazem parte de uma pesquisa maior, realizada para a elaboração do meu mestrado em Ciências Sociais. O artigo se insere no campo das metodologias qualitativas, e a técnica utilizada é a pesquisa documental em fontes históricas, mais especificadamente no Estado de Minas, um importante jornal da capital mineira.

A pesquisa foi dividida em três períodos de tempo: 1930, 1960 e 1980, nos quais foram analisados 24 exemplares do jornal Estado de Minas. Busquei avaliar a fonte nas diferentes épocas, focando na perspectiva de gênero e na representação do feminino e masculino principalmente nas propagandas veiculadas pela referida mídia impressa.

A construção do “sexo oposto” – feminino versus masculino

A sociologia de gênero destaca a premissa básica de que, apesar das características físicas distintas nos corpos, tais diferenças materiais não determinam os com-

portamentos associados aos gêneros masculino e feminino. Tais comportamentos são produtos de construções sociais e são assimilados desde a infância por meio de um sistema de poder que perdura nas estruturas sociais contemporâneas. Como sustentado por Scott (1995), a hierarquia social e a estratificação entre as classes também se fundamentam nessas construções generalizantes, intrinsecamente vinculadas às dinâmicas entre o feminino e o masculino.

Ao contrário da suposição aparente, a binarização entre dois sexos (homem versus mulher não é inerente à ordem natural. Esse discurso não foi uma constante nas sociedades e teve seu surgimento após o século XVII, concomitantemente com o advento do materialismo (Nicholson, 2000).

Laqueur (2001), em suas análises, argumenta que, na estrutura social da Grécia antiga, não se observava uma dualidade na percepção dos sexos. Homens e mulheres não eram categorizados como essencialmente distintos em termos de natureza. Os corpos eram interpretados como fundamentalmente iguais, embora apresentassem divergências em sua evolução. A ausência de externalização genital nas mulheres era considerada indicativa de um grau reduzido de perfeição, sendo interpretada como sinal de inferioridade.

Ao longo dos séculos XVII e XVIII, emergiu uma crescente concepção do "eu" como algo "natural" ou "material". Nesse contexto, a tradição, anteriormente fundamentada em discursos religiosos e noções teológicas para explicar fenômenos, direcionou seu foco à materialidade e passou a considerar o corpo como uma fonte proeminente de conhecimento sobre o "eu". Esse movimento, conforme indicado por Nicholson (2000), fortaleceu a metafísica materialista, culminando na justificação das distinções entre os sexos com base em características corporais. Desenvolveu-se, assim, um discurso que ressalta as disparidades entre homens e mulheres, polarizando os sexos:

> Durante o século XVIII, aconteceu a substituição de uma compreensão da mulher como versão inferior ao homem num eixo de infinitas gradações, por uma na qual a relação entre mulheres e homens era percebida em termos mais binários, e na qual o corpo era pensado como fonte desse binarismo. A consequência é nossa ideia de "Identidade sexual" – um eu masculino ou feminino precisamente diferenciado e profundamente enraizado num corpo diferenciado (Nicholson, 2000, p. 13).

Nesse sentido, a noção bissexuada, presente no materialismo, teria tornado comum a forte distinção masculino/feminino em termos binários. Como também teria gerado a ideia de identidade sexual, que permanece até os dias de hoje.

Laqueur (2001) enfatiza que o pensamento médico do século XIX era tomado como uma verdadeira obsessão em definir as diferenças entre homem e mulher, demarcando claramente os limites entre masculino e feminino. Assim, surgia a concepção natural dos sexos "opostos" e suas bases justificadas e mantidas na biologia. Essa construção, culturalmente enraizada, começaria desde o berço, em um complexo processo, denominado por Rubin (1986), de culturização da sexualidade biológica no meio social.

De acordo com a autora, esse processo, ligado às estruturas de parentesco, envolveria a reprodução de mecanismos para separações comportamentais entre os sexos. Por meio dos ensinamentos passados de geração em geração, a estrutura do parentesco transformaria machos e fêmeas em "meninas e meninos", com atribuições e papéis sociais totalmente distintos.

Ainda nos dias de hoje, percebe-se, em diversos locais do Globo, como uma criança, antes mesmo de nascer, já começa a ser inserida nessa dinâmica social e cultural pelas delimitações sexuais trazidas desde o ultrassom. Ao revelar que um bebê é "menino" ou "menina", o ultrassom abriria, através das expectativas dos familiares, o processo de incorporação desse novo ser dentro de uma matriz geradora de valores, normas e regras. Como afirma Alós, com base na discussão de Judith Butler:

> uma matriz que só compreende o humano dentro de um esquema binário de gêneros e de sexos. Compreender essa criança que ainda não nasceu como uma pessoa, como um ser humano, demanda sua inscrição no sistema binário de gêneros; fora dele, ela pode ser qualquer coisa: um feto, um embrião, um zigoto, um "organismo biológico", ou mesmo uma promessa para o futuro (Alós, 2011, p. 433).

Desse modo, tornamo-nos automaticamente seres generificados ao nascer, participantes de uma teia de processos sexualmente definitórios. E, como todo processo de formação de conceitos e símbolos, a formação do sexo, da sexualidade e dos comportamentos definidos como adequados também é culturalmente aprendida. Butler (apud Alós, 2011) vai mais além na discussão sobre o aprendizado do gênero em seus estudos sobre performatividade.

De acordo com a autora (também citada por Alós, 2011), a percepção comum de um indivíduo em ser "homem", ou "mulher", seria resultado de um processo de aprendizado decorrente de múltiplas repetições de comportamentos, gestos e fala, definidos por uma matriz sexual regulatória. Assim, a performatividade seria um mecanismo utilizado para a perpetuação dos padrões referentes ao sexo, sendo através das ferramentas de linguagem e de processos de reiteração que tornaríamos possível a materialização dos corpos. Comportamentos moldados seriam aprendidos desde cedo, repetidos e propagados pelas instituições da Família, da Escola, da Igreja e dos meios de comunicação.

A imprensa – enquanto eficiente veículo de disseminação de ideias – erige-se como uma entidade que desempenha um papel significativo na manutenção de padrões comportamentais, muitas vezes, legitimando estereótipos e discursos de natureza opressiva. Ela figuraria como um componente crucial nos processos de construção e reconstrução social, atuando não somente como transmissora de discursos consagrados socialmente, mas também como instigadora na geração de novos enunciados.

A análise de periódicos ao longo de diferentes períodos viabiliza uma compreensão mais acurada desses discursos e de como eles concorreram e concorrem para a perpetuação da disparidade de gênero. A seguinte propaganda do Pó Royal, veiculada no jornal Estado de Minas em 1934, serve como exemplo ilustrativo dessa discussão:

Figura 1 – Propaganda Pó Royal

Fonte: Estado de Minas, 29 dez. 1934, p. 6

Na propaganda acima, a mãe desempenha o papel de mentora ao ensinar à jovem, que recentemente fez a transição de "menina" para "moça", um dos supostos "segredos que as moças devem saber". A assertiva de que "todas as moças" deveriam possuir proficiência na elaboração de bolos destaca claramente a intenção de enfatizar a associação estreita do indivíduo mulher com as incumbências domésticas e as responsabilidades familiares.

Assim, a figura materna delineada nesse contexto emerge como preceptora, incumbida de transmitir conhecimentos vinculados às tarefas percebidas como "femininas". Essa representação visual evidencia toda a performatividade vinculada à construção da "futura mulher", imbuída nas responsabilidades de esposa e mãe e no cumprimento dos deveres do lar e da família.

Como salienta Teresita de Barbieri (1992, p. 8):

> Em nossas sociedades são as figuras da mãe, esposa e dona de casa para as mulheres e as de chefe de família e principal fonte de sustento econômico do lar, pai e esposo, o lugar de onde é possível partir para estudar o núcleo das relações de gênero. As etapas prévias permitem averiguar como se moldam meninos e meninas para aceitar e exercer a desigualdade e as hierarquias em função do gênero: desde o laço de fita azul ou rosa nas clínicas obstétricas contemporâneas, até o costume dos maias de enterrar a placenta perto ou longe da moradia.

Dessa maneira, as disparidades originadas e consolidadas entre homens e mulheres foram interpretadas como inerentes e fundamentadas aos pressupostos "naturais" e biológicos humanos. Essa segregação sexual entre "meninos" e "meninas" permeava diversas práticas e discursos, os quais foram considerados "inquestionáveis verdades". Um exemplo ilustrativo dessa acepção encontra-se no discurso médico, que se erigia como um preeminente mecanismo científico, comprovador da concepção binária dos sexos.

A noção do "sexo frágil" e a associação de corpos femininos à delicadeza – frequentemente percebidos como incapazes de realizar atividades que demandem força

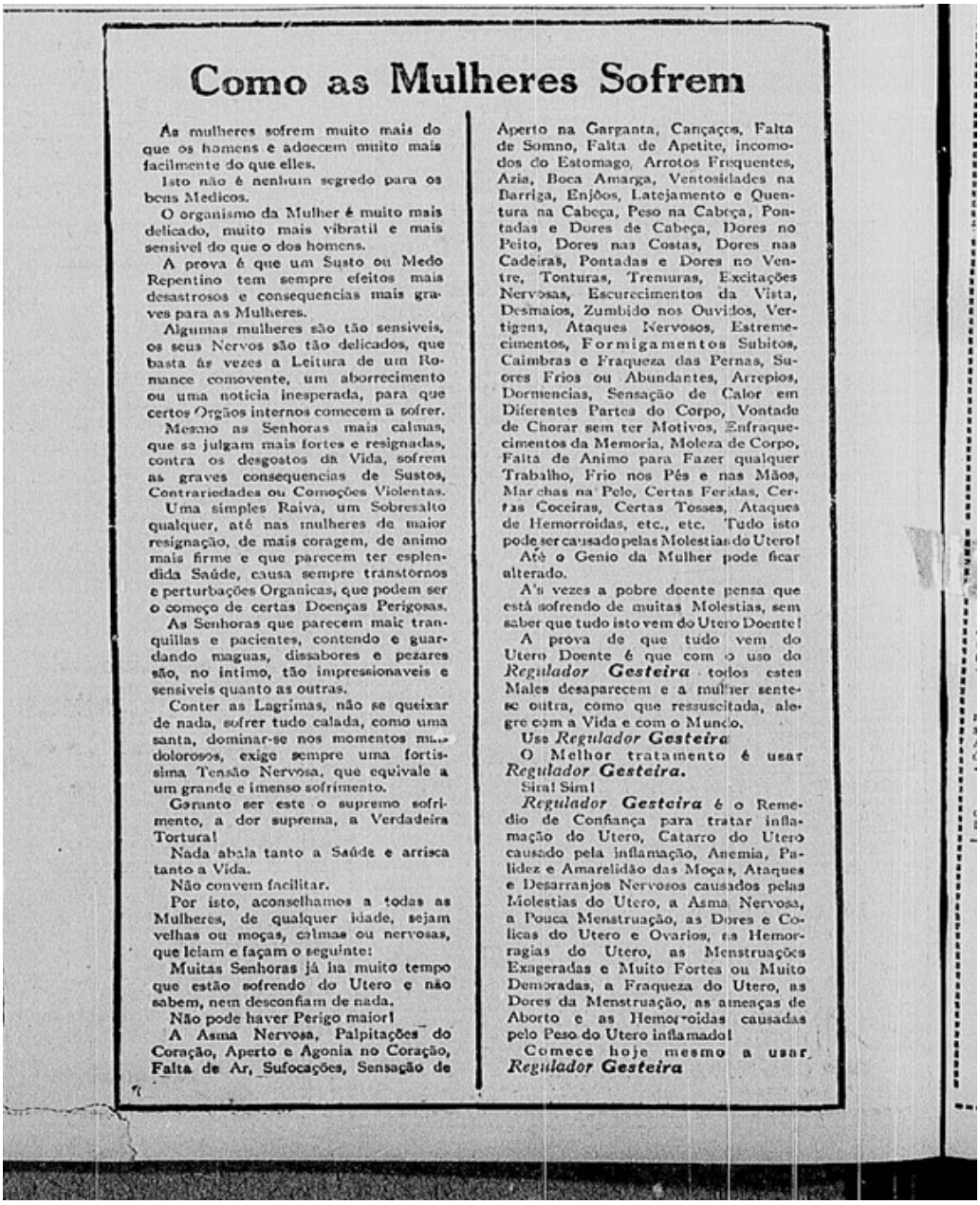
ou esforço físico significativo – foram amplamente difundidas e ainda persistem na contemporaneidade. A medicina social, por sua vez, abordava como características biológicas femininas a fragilidade, a menor sensibilidade aos estímulos sexuais e a prevalência das faculdades afetivas sobre as intelectuais (Soihet, 1997, p. 4). Conforme salientado por Nascimento (2006, p. 84):

> A imagem construída para a mulher, segundo esse discurso, destacava a sua fragilidade física, de onde emanava sua delicadeza e debilidade moral. Sua inferioridade em relação ao homem se manifestava pelo predomínio das faculdades afetivas.

A criação dessa dicotomia gerou dois extremos: os polos masculino e o feminino, cada qual considerado uma metade incompleta que dependia da outra para alcançar plenitude. A metade feminina – caracterizada por delicadeza corporal e uma expressividade emocional exacerbada – era vista como dependente do homem, dotado de força física e racionalidade. Em contrapartida, a metade masculina era tida como necessitada do cuidado e afeto da mulher, reconhecida por sua emotividade e lealdade à família e aos filhos.

Um exemplo desse discurso pode ser observado em uma propaganda veiculada no jornal Estado de Minas, em 18 de outubro de 1934, em que as mulheres eram retratadas em uma posição de notável distanciamento físico e mental em relação à figura masculina:

Figura 2 – Propaganda Regulador Gesteira



Como as Mulheres Sofrem

As mulheres sofrem muito mais do que os homens e adoecem muito mais facilmente do que elles.

Isto não é nenhum segredo para os bons Medicos.

O organismo da Mulher é muito mais delicado, muito mais vibratil e mais sensivel do que o dos homens.

A prova é que um Susto ou Medo Repentino tem sempre efeitos mais desastrosos e consequencias mais graves para as Mulheres.

Algumas mulheres são tão sensiveis, os seus Nervos são tão delicados, que basta ás vezes a Leitura de um Romance comovente, um aborrecimento ou uma noticia inesperada, para que certos Orgãos internos comecem a sofrer.

Mesmo as Senhoras mais calmas, que se julgam mais fortes e resignadas, contra os desgostos da Vida, sofrem as graves consequencias de Sustos, Contrariedades ou Comoções Violentas.

Uma simples Raiva, um Sobresalto qualquer, até nas mulheres de maior resignação, de mais coragem, de animo mais firme e que parecem ter esplendida Saúde, causa sempre transtornos e perturbações Organicas, que podem ser o começo de certas Doenças Perigosas.

As Senhoras que parecem mais tranquillas e pacientes, contendo e guardando maguas, dissabores e pezares são, no intimo, tão impressionaveis e sensiveis quanto as outras.

Conter as Lagrimas, não se queixar de nada, sofrer tudo calada, como uma santa, dominar-se nos momentos mais dolorosos, exige sempre uma fortissima Tensão Nervosa, que equivale a um grande e imenso sofrimento.

Garanto ser este o supremo sofrimento, a dor suprema, a Verdadeira Tortura!

Nada abala tanto a Saúde e arrisca tanto a Vida.

Não convem facilitar.

Por isto, aconselhamos a todas as Mulheres, de qualquer idade, sejam velhas ou moças, calmas ou nervosas, que leiam e façam o seguinte:

Muitas Senhoras já ha muito tempo que estão sofrendo do Utero e não sabem, nem desconfiam de nada.

Não pode haver Perigo maior!

A Asma Nervosa, Palpitações do Coração, Aperto e Agonia no Coração, Falta de Ar, Sufocações, Sensação de Aperto na Garganta, Cançaços, Falta de Somno, Falta de Apetite, incomodos do Estomago, Arrotos Frequentes, Azia, Boca Amarga, Ventosidades na Barriga, Enjôos, Latejamento e Quentura na Cabeça, Peso na Cabeça, Pontadas e Dores de Cabeça, Dores no Peito, Dores nas Costas, Dores nas Cadeiras, Pontadas e Dores no Ventre, Tonturas, Tremuras, Excitações Nervosas, Escurecimentos da Vista, Desmaios, Zumbido nos Ouvidos, Vertigens, Ataques Nervosos, Estremecimentos, Formigamentos Subitos, Caimbras e Fraqueza das Pernas, Suores Frios ou Abundantes, Arrepios, Dormencias, Sensação de Calor em Diferentes Partes do Corpo, Vontade de Chorar sem ter Motivos, Enfraquecimentos da Memoria, Moleza de Corpo, Falta de Animo para Fazer qualquer Trabalho, Frio nos Pés e nas Mãos, Manchas na Pele, Certas Feridas, Certas Coceiras, Certas Tosses, Ataques de Hemorroidas, etc., etc. Tudo isto pode ser causado pelas Molestias do Utero!

Até o Genio da Mulher pode ficar alterado.

A's vezes a pobre doente pensa que está sofrendo de muitas Molestias, sem saber que tudo isto vem do Utero Doente!

A prova de que tudo vem do Utero Doente é que com o uso do *Regulador* **Gesteira** todos estes Males desaparecem e a mulher sente-se outra, como que ressuscitada, alegre com a Vida e com o Mundo.

Use *Regulador* **Gesteira**

O Melhor tratamento é usar *Regulador* **Gesteira.**

Sim! Sim!

Regulador **Gesteira** é o Remedio de Confiança para tratar inflamação do Utero, Catarro do Utero causado pela inflamação, Anemia, Palidez e Amarelidão das Moças, Ataques e Desarranjos Nervosos causados pelas Molestias do Utero, a Asma Nervosa, a Pouca Menstruação, as Dores e Colicas do Utero e Ovarios, as Hemorragias do Utero, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, a Fraqueza do Utero, as Dores da Menstruação, as ameaças de Aborto e as Hemorroidas causadas pelo Peso do Utero inflamado!

Comece hoje mesmo a usar *Regulador* **Gesteira**

Fonte: Estado de Minas, 21 out. 1934, p. 2

A propaganda foi concebida intencionalmente com uma aparência de texto científico, buscando apresentar informações respaldadas pela medicina e pelo discurso científico. Ao afirmar que "As mulheres sofrem muito mais do que os homens e adoecem muito mais facilmente do que eles. Isto não é nenhum segredo para os bons médicos", o anúncio visa a ressaltar as discrepâncias entre os corpos feminino e masculino, transformando essa diferenciação em algo tão inquestionável e amplamente reconhecido que sequer demandaria questionamento, especialmente para os considerados "bons médicos".

Com o intuito de evidenciar a eficácia do medicamento, o texto menciona diversos casos de aflições que acometem o chamado "sexo frágil", atribuindo-as a situações

como sustos, aborrecimentos ou até mesmo a leitura de romances. A linguagem empregada na propaganda, ao retratar a perspectiva de uma sociedade fundamentada no discurso de gênero, legitima como "natural" e biológica a diferenciação entre o feminino e o masculino. Em outra propaganda do mesmo medicamento, encontramos a seguinte mensagem:

> Quando viajar a cavalo, em vapor, automóvel e estrada de ferro, quando fizer viagens ou longos passeios a pé, quando apanhar sol ou chuva, toda vez que molhar os pés, sempre que tomar banhos demorados de mar ou em rio, todas as vezes que levar grandes sustos ou tiver de repente uma grande contrariedade a senhora deve tomar uma colher de chá de Regulador Gesteira [...] tendo-se de repente grande raiva ou pezar forte, o útero pode sentir algum desarranjo, que poderá ser o princípio de uma moléstia grave. (Estado de Minas, 25 out. 1934, p. 2).

O anúncio do medicamento salientou diversas atividades diárias simples e rotineiras, pontuando-as como ações capazes de representar grandes riscos para as mulheres. Desse modo, ser mulher seria intrinsecamente associado à fragilidade natural, sob a premissa de que as características físicas femininas as tornariam mais propensas a enfermidades e distúrbios.

Nessa perspectiva, as definições de sexo eram concebidas como desvinculadas de construções sociais, sendo atribuídas exclusivamente à materialidade anatômica dos corpos. O simbolismo do útero como órgão determinante para a imagem feminina, associado a inúmeras enfermidades, conduziria os corpos que o abrigam a uma condição de sensibilidade, marcada pela fragilidade definida pela materialidade do sexo.

Para além da fragilidade, a beleza também era considerada um atributo físico inerente ao "sexo frágil". A mulher que não se encaixasse nos padrões de beleza e delicadeza, segundo essa perspectiva, provavelmente estaria doente ou dissipando suas energias em atividades consideradas inadequadas para a preservação de seu corpo.

A delicadeza do corpo feminino, sob essa ótica, não poderia suportar atividades que resultassem em desgaste. Esse tipo de discurso, apresentado como um conteúdo médico, contribuiu significativamente ao longo de muitos anos para perpetuar a assimetria entre os sexos, restringindo as mulheres de participarem de diversas atividades classificadas exclusivas do universo masculino.

A despeito dos avanços científicos ao longo das décadas, a análise desse paradigma sofreu modificações, embora o estereótipo associado ao "sexo frágil" ainda persista. Observa-se, contemporaneamente, a persistência da propagação de ideias que categorizam a mulher como um ser sensível, supostamente influenciado por elevados níveis hormonais, geradores de instabilidade e desequilíbrio emocional. Entretanto, é notório que tal discurso, uma vez proeminente nas mídias do passado, não desfruta da mesma relevância nas mídias atuais, sendo sua ressonância mais notável nos ensinamentos tradicionais transmitidos pela oralidade.

Retornando aos períodos e aos dados analisados nesta pesquisa, no jornal Estado de Minas de 1960, também pude perceber a forte presença de estereótipos regu-

latórios que estimulavam a divisão sexual binária mencionada anteriormente. Observe um recorte de uma propaganda feita para homenagear o Dia das Crianças:

Figura 3 – Propaganda do Dia das Crianças

Fonte: Estado de Minas, 2 out. 1960, p. 11

A propaganda mostra um menino sentado de bermuda e blusa, brincando com um carrinho; enquanto a menina está de pé, com um vestido rodado, segurando uma boneca. Cada um usa vestimentas apropriadas ao gênero que lhes é definido e tem nas mãos o brinquedo apropriado. A imagem diz muito sobre os estereótipos de gênero construídos e impostos pela sociedade, formando desde o berço meninas e meninos com comportamentos padronizados pelo sexo.

Apesar de alguns avanços e conquistas alcançados pelas mulheres no que concerne à mitigação da assimetria de gênero, diversos estereótipos persistiam no contexto dos anos 1960. A simbologia associada ao carrinho e à boneca, por exemplo, perdura até os dias atuais, revestindo-se de significativa importância por ilustrar a construção dessa dicotomia sexual, cuja origem remonta à infância.

Na propaganda, o futuro homem, caracterizado como mais racional, é direcionado a brincar com o carrinho, uma máquina concebida por engenheiros mecânicos para a locomoção, simbolizando, assim, o avanço humano. Tal atividade contribuirá para o desenvolvimento das suas habilidades mecânicas e racionais, atributos tidos como evoluídos no âmbito masculino.

Contrariamente, a menina assume o papel representativo do lar, da família e do cuidado, sendo, portanto, encorajada a brincar com a boneca. O artefato simboliza a figura infantil, representando o futuro bebê que, simbolicamente, emergirá do seu ventre por meio da maternidade. Esse tipo de brinquedo a instruirá nas fases iniciais da infância sobre suas futuras responsabilidades domésticas, proporcionando ensinamentos acerca do zelo materno.

Dessa forma, o intricado processo de divisão sexual é fomentado tanto pelos progenitores como pela sociedade em geral, delineando padrões específicos relacionados às cores, às vestimentas, às modalidades lúdicas e comportamentais. Comportamentos percebidos como desviantes, consequentemente, seriam suscetíveis à repressão:

> Longe de ser uma expressão de diferenças naturais, a identidade de gênero exclusiva é supressão das similaridades naturais. Ela requer repressão nos homens, da versão local das características "femininas", quaisquer que sejam elas, nas mulheres, da definição local das características masculinas (Rubin, 1986, p. 11).

Assim, a criação da feminilidade e da masculinidade decorre da supressão de comportamentos desviantes por meio de uma imposição psíquica, que gera desconforto tanto nas mulheres quanto nos homens. Esse processo é visto em todos os ambientes, inclusive nos jornais, nas mídias populares e culturalmente aceitas como mecanismos de transmissão de ideias.

Uma propaganda retirada do Estado de Minas de 1960, desta vez do Banco Lavoura de Minas Gerais, também explicita a forma estereotipada como a diferença de gênero era abordada no jornal:

Figura 4 – Propaganda Banco Lavoura

Fonte: Estado de Minas, 11 out. 1960, p. 9.

A propaganda em análise explicita estereótipos de gênero associados aos papéis socialmente atribuídos a homens e mulheres. Na representação visual, um menino lança uma moeda ao alto, enquanto duas meninas observam-no com curiosidade e interesse. A moeda, enquanto símbolo monetário e de sustento, é associada à figura do homem provedor, ao passo que as calças são emblemáticas do orgulho masculino. Ao adquirir suas primeiras calças por meio de economias próprias, o "menino" transcende à condição de homem, evidenciando a aquisição da "responsabilidade financeira", atributo considerado essencial para a identidade masculina. As meninas, ao contemplarem-no com admiração, figuram a construção da imagem feminina em formação, preludiando seu papel futuro como esposas orgulhosas de um provedor masculino, responsável pelo sustento familiar.

Tais estereótipos estabelecem uma conexão entre o homem, o capital, o trabalho fora do lar e a provisão financeira, além de relegarem a imagem feminina a uma posição passiva e dependente do provimento masculino. Todavia, observa-se que, assim como nas outras propagandas previamente analisadas, as personagens retratadas são predominantemente brancas e pertencentes às camadas sociais médias e/ou altas.

Esse contexto exclui a possibilidade de inclusão de meninos desprovidos de recursos para aquisição de calças compridas, os quais seriam, assim, excluídos da definição de "homens bem-sucedidos". Similarmente, não é concedido espaço para meninas que não aspiram ao papel de futuras esposas de um "homem provedor", pressupondo

que se tornarão trabalhadoras de baixa renda, incapazes de cumprir integralmente suas atribuições femininas no âmbito doméstico.

Portanto, constata-se que tais estereótipos transcendem as meras disparidades de gênero, incorporando dimensões de desigualdades de classe e raça, elementos que demonstram a interseccionalidade. Conforme apontado por Scott (1995), as diferenças corporais são frequentemente mobilizadas para testemunhar e legitimar relações sociais que, em muitos casos, carecem de uma vinculação direta com o sexo ou a sexualidade. Nesse sentido, o discurso edificado em torno da dicotomia sexual revela-se como uma faceta integrante de um sistema de legitimação de fenômenos sociais diversos.

Os estereótipos que difundem a narrativa de segregação entre os sexos manifestam-se de maneira reiterada nas décadas de 1934 e 1960, persistindo, ainda que de maneira atenuada, nos jornais de 1989, conforme evidenciado na propaganda abaixo, extraída do Estado de Minas de 1989:

Figura 5 – Propaganda imóvel Caparaó

Fonte: Estado de Minas, caderno de Imóveis, 12 nov. 1989

A campanha publicitária da construtora Caparaó, amplamente veiculada em diversas edições do periódico, apresenta deficiência de qualidade visual em todos os ar-

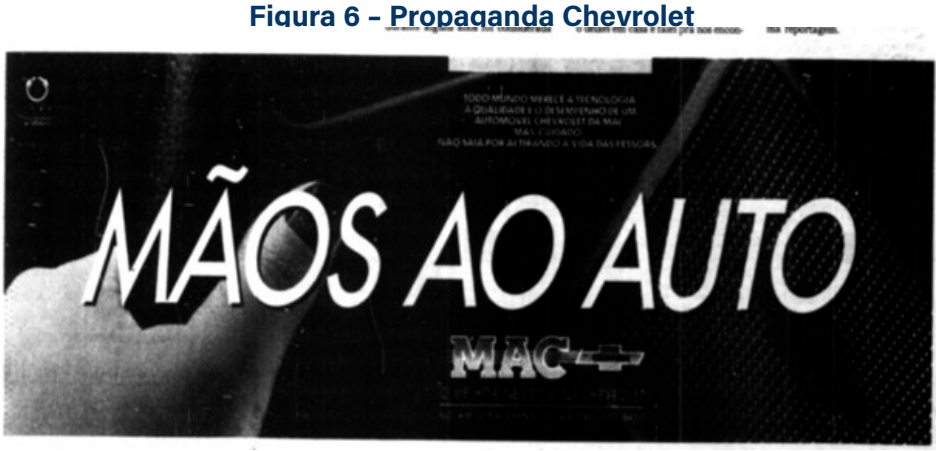
quivos consultados, sendo caracterizada por sua tonalidade bastante escura. Contudo, optou-se por sua utilização, uma vez que constitui um exemplar notável da perpetuação de padrões vinculados à divisão dos gêneros desde a infância. Sob o slogan "Detalhes são fundamentais", destaca-se a imagem de uma menina, afetuosamente segurando sua boneca no colo. No texto, de leitura desafiadora, a construtora realça as inúmeras qualidades do edifício recém-construído, ressaltando sua amplitude e seu conforto para toda a família.

A vinculação entre a expressão "Detalhes são fundamentais" e a representação de uma figura feminina manuseando uma boneca objetiva associar o cuidado e a atenção dedicados à construção do edifício, evidenciando detalhes minuciosos para o conforto e bem-estar familiar, atributos percebidos como intrinsecamente femininos. O material publicitário revela estereótipos de gênero que não situam a mulher no contexto da engenharia ou do cálculo para a construção do edifício, mas a associam ao zelo com que este foi concebido. Notavelmente, não se vislumbram engenheiras ou operárias atuando na construção retratada, mas, sim, uma jovem, futura mãe, ocupada com o cuidado (e não com a brincadeira) de sua boneca.

É pertinente observar que, embora a propaganda estabeleça a conexão entre esses atributos (zelo e cuidado) e a natureza feminina, a imagem, ainda que de maneira não intencional, sugere que a menina, desde tenra idade, internaliza essas atitudes ao "treinar" tais comportamentos com as bonecas que "cuida". O episódio fornece um exemplo vívido dos processos de aprendizagem e reiteração previamente abordados neste artigo.

Outra campanha publicitária, extraída do caderno de Veículos do periódico Estado de Minas em 1989, proclama: "Todo mundo merece a tecnologia, a qualidade e o desempenho de um automóvel Chevrolet da Mac. Mas cuidado: Não saia por aí tirando a vida das pessoas". Perceba a imagem retratada na propaganda:

Figura 6 – Propaganda Chevrolet



Fonte: Estado de Minas, caderno de Veículos, 14 dez. 1989

A expressão de impacto "Mãos ao auto" opera como um jogo de palavras, fazendo um trocadilho com "mãos ao alto", termo frequentemente associado às ameaças

com armas, e tem como propósito sensibilizar para os perigos associados à condução veicular. É relevante ressaltar que, em minha pesquisa nos cadernos de veículos, não foram identificadas imagens femininas, inclusive nas propagandas, que foram direcionadas exclusivamente ao público masculino. Nos anúncios observados, apenas figuras masculinas eram colocadas ao lado dos automóveis. Não obstante, em contraste com o padrão previamente identificado, na ilustração em análise, que visa a promover a marca e conscientizar sobre a precaução ao dirigir, destaca-se a representação de uma mulher assumindo o controle do volante.

A partir das considerações apresentadas, torna-se evidente que a presença de mãos femininas no comando do veículo não é mera coincidência. Percebe-se claramente a associação da imagem feminina à negligência e à suposta falta de habilidade na condução automotiva. Ao retratar mãos femininas e enfatizar a importância da precaução ao dirigir, a propaganda reproduzia de forma clara um estereótipo de gênero extensivamente difundido, o qual sugere que as mulheres possuem, biologicamente, menor aptidão para compreender o espaço geométrico e menor habilidade no manejo de máquinas e veículos do que os homens.

Conclusão

A pesquisa em questão, inserida neste artigo, embora se restrinja à análise de exemplares do jornal Estado de Minas, revela resultados expressivos no que diz respeito às representações femininas nas décadas investigadas (1930, 1960 e 1980). Ao examinar as propagandas veiculadas nesse periódico, torna-se evidente a presença de diversos estereótipos associados aos corpos e aos comportamentos considerados como "femininos".

Dessa forma, a pesquisa lança luz sobre o papel desempenhado pelos jornais impressos e sua publicidade nas décadas de 1930, 1960 e 1980, destacando-os como instrumentos eficazes na disseminação de determinadas representações de masculinidade e feminilidade. Tal análise revela que o jornal mais vendido em Minas Gerais ao longo do século XX atuou como uma estrutura que legitimava e difundia relações de desigualdade, consolidando-as como padrões culturalmente aceitos e, consequentemente, reforçando e naturalizando tais dinâmicas.

Referências

ALÓS, Anselmo Peres. Gênero, epistemologia e performatividade: estratégias pedagógicas de subversão. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 336, maio/ago. 2011. Disponível em:
DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200007. Acesso em: 20 de maio 2024.

BARBIERI, Teresita. Sobre a Categoria Gênero: Uma introdução teórico-metodológica sobre as diferenças. **Revista Interamericana de Sociologia.** Ano VI, no 2-3 (segundo semestre), maio-dezembro/1992. DOI: https://doi.org/10.18800/debatesensociologia.199301.006

LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventando o sexo:** corpo e gênero dos gregos a Freud. Trad. Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

NASCIMENTO, Kelly Cristina. **Entre a mulher ideal e a mulher moderna:** representações femininas na imprensa mineira – 1873-1932. 2006. 171f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/VCSA-6X6LAR/1/disserta__o_completa___kelly_nascimento.pdf. Acesso em 29 set. 2024

NICHOLSON, Linda. Interpretando o Gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11917/38460. Acesso em 29 set. 2024.

RUBIN, Gayle. El Tráfico de Mujeres: notas sobre la "economia política" del sexo. **Nueva Antropología**, México, v. VIII, n. 30, 1986. Disponível em: https://www.unc.edu.ar/sites/default/files/EL%20TR%C3%81FICO%20DE%20MUJERES%20-%20Gayle%20Rubin%2C%201975.pdf. Acesso em 29 set. 2024

SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). **História da Vida Privada no Brasil:** contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia da Letras, 1998. p. 413.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, UFRGS, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: http://hdl.handle.net/10183/257862. Acesso em 29 set. 2024

SOIHET, Rachel. Violência simbólica: Saberes masculinos e representações femininas. **Revista Estudos Feministas**, v. 05 n. 01 Florianópolis 1997. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X1997000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 30 set. 2024.

Recebido em: 31 jan. 2024
Aprovado em: 03 out. 2024